

Eneida de Moraes: escritura política y autobiográfica

Eunice Ferreira dos Santos¹

UFPA- Universidade Federal do Pará

Lilian dos Santos Ribeiro²

Universidade de Sevilha

Resumen

Este artículo versa sobre la escritura política y autobiográfica de la escritora y activista brasileña, Eneida de Moraes. En este sentido, analizaremos las crónicas “Companheiras”, (Arruanda, 1957) y “Lamentos por un fracaso” (Cão da madrugada, 1954), en las que la escritora enfatiza cuestiones sociales e ideológicas, describiendo su propia condición femenina y militancia en diferentes contextos sociopolítico y cultural.

Palabras clave: mujer, género, biografía, escritora, militancia.

Resumo

Este artigo versa sobre a escritura política e autobiográfica da escritora e ativista brasileira Eneida de Moraes. Neste sentido, foram analisadas as crônicas “Companheiras”, (Aruanda, 1957) e “Lamentos por um fracasso” (Cão da madrugada, 1954), nas quais ela enfatiza questões sociais e ideológicas, relacionadas à própria condição feminina e militância situadas em diferentes contextos sociopolítico e cultural.

Palavras-chave: gênero, escritura, crônicas, militância.

1. Eunice Ferreira dos Santos é Escritora e Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA-/ Amazônia/Brasil). Licenciada em Letras Português (UFPA- PA), Mestra em Literatura Brasileira (UFPA-PA) e Doutora em Letras (UFMG- Brasil). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes sobre Mulher e Relações de Gênero (GEP/UFPA). Sócia de Audem (Associação Universitária de Estudos das Mulheres). E-mail: efsantos47@gmail.com.

2. Lilian Adriane dos Santos Ribeiro é Licenciada em Letras Habilitação em espanhol pela Universidade da Amazônia- Brasil, Mestra em Linguística Aplicada ao Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira pela Universidade de Salamanca-Espanha e Doutora em Literatura Espanhola e em Estudos de Gênero: Mulher, Comunicação e Escrituras, do Departamento de Literatura Integradas da Universidade de Sevilha-Espanha. Professora de Literatura Luso-Brasileira, pesquisadora do Grupo Escritoras e Escrituras – Universidade de Sevilha e do GEP/UFPA (Grupo de Estudos e Pesquisa Eneida de Moraes sobre Mulher e Relações de Gênero (GEP/UFPA- Universidade Federal do Pará), sócia de Audem (Associação Universitária de Estudos das Mulheres). Professora de CELP - Sevilha (Centro de Estudos de Língua Portuguesa), centro examinador oficial de PLE pela Universidade de Lisboa. E-mail: lidriany@gmail.com.

Eneida de Moraes: ativista política³

Eneida de Moraes (1903-1971), ou simplesmente Eneida, como preferia ser chamada, foi jornalista, escritora, ativista e tradutora paraense⁴. As pessoas que a conheceram a descrevem como uma mulher muito forte, viva, corajosa, audaciosa e inteligente: “Eneida sempre livre/ Eneida sempre flor/ Eneida sempre viva/ Eneida sempre amor”⁵, disse o poeta João de Jesus Paes Loureiro.

Foi uma mulher que rompeu, ou pelo menos afrontou, os padrões instituídos ao papel feminino de sua época, transitando em redutos marcadamente masculinos: a redação de jornais, a publicação de livros e a célula partidária. Seduzida pelas ideias socialistas, na década de trinta, integrou-se ao discurso proletário quando este se fez uma motivação radical, produzindo e distribuindo material de propaganda e jornais de célula (Santos 2008: 69). No conjunto de sua obra, destaca-se um número significativo de crônicas que expressam a vinculação dessa produção à sua militância político-partidária⁶, a exemplo as crônicas “Companheiras” (*Aruanda*, 1957) e “Lamentos por um fracasso” (*Cão da madrugada*, 1954), analisadas no âmbito deste artigo com enfoque autobiográfico e de relações de gênero.

Além dessas crônicas, a maneira de a escritora interpretar o mundo, segundo sua opção ideológica, encontra-se registrada em vasta produção intelectual publicada em periódicos e livros-mecanismo que ela utilizou para veicular suas ideias em 50 anos de atuação no cenário político e jornalístico-literário brasileiro (1920-1970)⁷. No conjunto dessa obra, há que se destacar um número expressivo de crônicas “militantes” de conteúdo ao molde das teses marxistas-leninistas (Duarte 1995: 107-113), conforme registrado nos livros que compõem a trilogia memorialista da escritora: *Cão da Madrugada* (1954); *Aruanda* (1957) e *Banho de Cheiro* (1962) (Santos 2008: 70).

Essas obras atestam uma escritura de autoria feminina explicitamente engajada na defesa dos princípios comunistas, tanto aqueles influenciados pelo Stalinismo quanto os resultantes dos debates pós-relatório Kruschew. As crônicas revelam muito das dificuldades que a escritora enfrentou, porque transgrediu os códigos patriarcais para exercer sua opção política, conquistar espaços e autonomia literária – a exemplo do que aconteceu com outras mulheres que também

3. Para aprofundamento acerca da vida e obra da escritora, consultar o livro *Eneida: memória e militância política* (SANTOS, 2009), publicado pela Editora GEPEM e lançado durante o 15º aniversário do Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes sobre Mulher e Relações de Gênero (GEPEM/UFPA-Brasil). http://www.ufpa.br/projetogepem/index.php?option=com_content&view=article&id=33:livro-lancado-durante-15o-aniversario-do-gepem-apresenta-vida-e-obra-de-eneida-de-moraes- (Consultado em 02 de outubro de 2014).

4. In: “Ofertório da cidade para Eneida e vice-versa”. *A Província do Pará*, Belém, 16/nov. 1968. Paraense é o gentílico das pessoas que nascem no Estado de Pará, região Norte do Brasil.

5. GEPEM, “Livro lançado durante 15º aniversário do Gepem apresenta vida e obra de Eneida de Moraes (27/08/2009)”, http://www.ufpa.br/projetogepem/index.php?option=com_content&view=article&id=33:livro-lancado-durante-15o-aniversario-do-gepem-apresenta-vida-e-obra-de-eneida-de-moraes-. (Consultado: 02/10/2014). Este artigo foi escrito na companhia de professora Dra. Eunice Ferreira dos Santos, a maior biógrafa de Eneida de Moraes.

6. Há que ressaltar que, no caso brasileiro, a militância político-literária das mulheres ainda é marcada por silêncios e rasuras históricas, seja pela incipiente bibliografia a respeito, seja pelas referências documentais subsumidas na sobrevalorização dada à trajetória do contingente masculino.

7. Desse período, cerca de 5850 peças documentais (crônicas, reportagens, discursos, informações sigilosas, etc.), entre os anos 2000-2004, foram reunidas e organizadas em coletânea digital (7 volumes em CD-Rom), por Eunice Ferreira dos Santos. Atualmente, esses documentos se encontram sob custódia do GEPEM, integrando o acervo Casa da Escritora Paraense (CASA-EPA – Belém/PA).

se infiltraram nos redutos masculinos, buscando desbloquear os interditos culturais ao seu gênero (Santos 2008: 70).

A conquista desse espaço público começou no Pará, com tons literários e políticos. Tanto que rompeu o casamento e deixou Belém, o marido e os filhos pequenos: Léa de 8 anos e Octávio de 7 anos. Tudo em nome do ativismo político e da militância jornalístico-literária, embora sabendo que pagaria um preço muito alto por esta decisão. Nesta intenção, fixou residência no Rio de Janeiro (1930) e alicerçou uma convivência intelectual e partidária com um grupo que a iniciou nas leituras sobre a filosofia marxista. Esta aprendizagem foi dirigida por Nise da Silveira, conforme relata em Carta-Testamento de 1969: “[...] adquiri uma ideologia, tracei friamente o meu caminho e fui por ele, certa de estar certa...” (Santos 2009: 30). A situação-limite conseqüente desse gesto é revisitada, na trilogia citada, em recortes de memória sobre a práxis revolucionária que vivenciou, acreditando na construção de signos libertários e igualitários. E nessa crença, a sociedade imaginada é expressa em linguagem simples e em uma forma literária acessível “à grande massa”: a crônica (Santos 2008: 70).

Eneida e as companheiras⁸

É uma crônica que representa o *locus* de rememoração do projeto político da cronista-militante: “[...] a primeira vez que li o Manifesto Comunista de Marx e Engels fui tomada de um entusiasmo tão grande que cada uma de suas palavras repercutia profundamente dentro de mim” (*Banho de cheiro* 1962: 72). Segundo Santos (2009), essa opção nascia ao mesmo tempo em que o partido, seguindo os padrões de radicalização do ideário comunista em todo mundo, aderiu ao lema “classe contra classe”, à “proletarização”, ao “obreirismo e a uma maior aproximação com a massa trabalhadora, colocando em crise a relação com os intelectuais. Os/as aspirantes a comunista tinham que dar provas de fidelidade ao partido, se afinarem a esse discurso e provarem que estavam prontos/as para ser militante. Diante de tal protocolo, Eneida renunciou os “resquílios pequenos burgueses” que herdara da mãe: “as belas joias que tive, perdi em casas de penhores na etapa em que encontrei o meu caminho; justamente no momento do qual me orgulho: o da escolha de um futuro” (Santos 2009: 31).

As notícias dos conflitos da Revolução Constitucionalista, em 1932, incendiaram a imaginação de Eneida. Até ali, desempenhara a contento todas as “provas de iniciação” para que, oficialmente, pudesse ingressar nos quadros do PCB: reuniões, panfletagem nas ruas e fábricas, catequese de jovens. Para a novata militante, São Paulo, politicamente dividido naquele momento, era o lugar ideal para agitação e propaganda junto às massas trabalhadoras, conclamando-as a lutarem pela organização de um governo operário.

Nessa intenção, vai morar na capital paulista. A nova tarefa era atuar em um Aparelho localizado no Braz, onde atenderia pelo pseudônimo *Nat* e seria responsável pela recepção e distribuição de correspondências do partido, além da redação e distribuição de jornais e panfletos volantes⁹. E nessa missão foi presa.

8. In: *Aruanda*, 1957, p. 104 -112.

9. Essa agenda e mais os anos anteriores de voluntariado no Rio de Janeiro a credenciaram ao ingresso oficial nos quadros do PCB, em 1932.

Nos anos subsequentes a essa prisão, envolveu-se em inúmeros eventos ativistas que antecederam a insurreição de novembro de 1935, chamada de *Intentona Comunista*: comissão popular de inquérito, julgamento simbólico do líder integralista Plínio Salgado, comícios. E quando, no contexto brasileiro pós VII Congresso Internacional Comunista, surge a política de “frentes populares”, que vai culminar na criação da Aliança Nacional Libertadora (ANL), Eneida engaja-se nas ações da União Feminina do Brasil (UFB), colaborando na redação e distribuição de panfletos e jornais (Santos 2008: 73). Como ela mesma relata: “[...] Minhas mãos não foram jovens nem mesmo no tempo da juventude total. Marchavam na vanguarda; agitavam-se incessantemente; nunca se pouparam” (Arruanda 1957: 75). De certo, conforme registra o escritor brasileiro, Graciliano Ramos em suas *Memórias do Cárcere*, “[...] as mulheres formavam um organismo secreto, uma cadeia invisível a estirar-se pela cidade, portadora de informações, teciam a teia que mantinha ligados os conspiradores [...]” (Arruanda 1957: 282).

Fracassada a revolução, entre os insurretos estava Eneida. Investigada pela Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo foi presa no dia 17 de janeiro de 1936. Acusada de ativista política com explícita participação na ANL e UFB, além de outros registros. Depois de dois meses na Delegacia Especial da Ordem Política e Social (DEOPS/RJ), sob interrogatórios e torturas, foi transferida para a Casa de Detenção e encarcerada no Pavilhão dos Primários¹⁰, na sala 4, cerca de um ano e cinco meses. Desse período, ela conta fragmentos na crônica “Companheiras”:

“Éramos vinte e cinco mulheres presas políticas numa sala da Casa de Detenção [...]. De um lado e de outro da sala, enfileiradas, agarradas umas às outras, vinte e cinco camas. [...] no dia em que, pela primeira vez, depois de muito e muito tempo, foi estabelecido o ‘banho de sol’ para os presos políticos, os tamancos subindo e descendo as escadas, os tamancos que afinal se libertavam dos cubículos escuros... pareciam a mais bela das canções escritas sobre Liberdade” (Arruanda 1957: 80 e 105).

Na Sala 4, estavam encarceradas vinte e cinco mulheres. Nesta cela, Eneida conviveu com as presas políticas, entre outras: Beatriz Bandeira, Antonia Venegas, Francisca Moura, Nise da Silveira, Eugenia Moreyra, Maria Werneck de Castro, Haidée Nicolucci, Catharina Besouchet, Carmen Ghioldi, Rosa Meireles, Armanda Álvaro Alberto e Valentina Leite Bastos. Depois, vieram Olga Benário e Elise Ewert (Sabo Berger). As presas políticas viviam ali, algumas fixas e outras itinerantes, sufocadas pelos maus-tratos e limitação de movimentos dentro da cela. Conviveram ali durante os anos sombrios do fascismo do Estado Novo -1935, 1936, 1937 e 1938 -, compartilhando saudades, medo, fome, perseguições, torturas, desaparecimentos, assassinatos, ideologia e ânsia por liberdade, conforme relata Eneida:

Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia louras, negras, mulatas, morenas, de cabelos escuros e claros, de roupas caras e trajes modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam, algumas vezes voltavam, outras nunca mais vinham (Banho de Cheiro: 131-132) (Arruanda 1957: 105).

10. Sobre detalhamento da cela onde ficaram as presas políticas nesse período, consultar: CASTRO, Maria Werneck de. *A Sala 4: a primeira prisão política feminina*, (1988); VIANNA, Lúcia Helena. *Mulheres revolucionárias de 30* (2002).

Eneida descreve os sentimentos vividos dentro daquela cela ao falarem de receitas culinárias, de passeios diversos, mar, praias, montanhas ou planícies. Embora sorridentes, os olhos denunciavam a ânsia de voltarem à vida de cidade, da terra, do mundo; ao compartilharem histórias da família: “...os filhos de Rosa eram nossos filhos.” “O problema de uma, era problema de todas. Problemas comuns, destinos comuns”. Esforçavam-se para sobreviver (Aruanda 1957: 106).

Ao final do terceiro mês de prisão, as mulheres da Sala 4 tiveram permissão para tomar banho de sol e receberem visitas um domingo por mês, durante cinquenta minutos. Guilhito, o irmão mais novo, assiduamente levava para Eneida, além de notícias, as iguarias de que ela mais gostava: livros, chocolates e cigarros. Após a despedida do irmão, recolhia-se à cela retendo a saudade.

Na prisão, Eneida exerceu a função de locutora da Radio Liberdade, transmitindo resumos jornalísticos e notícias que chegavam por meio das visitas. Também escreveu o livro de contos *O Quarteirão*, do qual foi selecionado o conto *O guarda-chuva* e publicado em 1957, na Antologia de *Contos e Romances de Todo Brasil*, organizada por Graciliano Ramos¹¹.

Na crônica *Companheiras*, Eneida conta o sofrimento de Elise Ewert, (Sabo Berger), mulher de Henry Berger. Esta camarada lhes contou as torturas sofridas:

A Polícia Especial a maltratara monstruosamente. Mostrou-nos os seios onde trazia impressas marcas de dedos. Colocavam-na no alto da escada, amarrada e nua para forçá-la a declarar ou delatar, enquanto dois homens enormes lhe puxavam os seios. Falou-nos do sofrimento, da fome, da sede que lhe haviam imposto [...]. Seu corpo guardava ainda as vergastadas do chicote policial. Jogavam-na de prisão em prisão. [...] Minutos depois voltou o guarda. A prisão para ela seria outra. E sorrindo: - Muito pior (Aruanda 1957: 136-137).

Transcorridos seis meses de prisão, as hóspedes da sala 4 aguardavam ansiosas os trâmites burocráticos para que Olga Benário, Elise Ewert e Carmen Ghioldi deixassem o Brasil. O indeferimento do *Habeas Corpus* de Olga causou tanta indignação que quando o delegado, Carlos Brandes foi buscá-la com o pretexto de levá-la ao Hospital Gaffré Guinle para evitar o parto prematuro, Eneida, Maria Werneck e Beatriz Bandeira a esconderam atrás de um guarda-roupa improvisado, fazendo um cerco para impedir que fosse levada pelo delegado (Santos 2009: 40-41). Mas as companheiras foram ludibriadas e o governo de Getúlio Vargas entregou Olga Benario e Sabo Berger à Gestapo.

No dia 28 de julho de 1937, Eneida foi absolvida por falta de provas. Incurso na Lei de Segurança Nacional, dessa prisão ela e outros insurretos saíram graças ao benefício de uma Lei chamada popularmente “Macedada”, assinada pelo então Ministro da Justiça José Carlos Macedo Soares¹². Mas os momentos que viveu com aquelas mulheres naquele um ano e meio a marcaria para sempre. É o que afirma ao final da crônica ao se referir à Olga benário e às outras *Companheiras*: “Recordando-a agora, cumpro um dever. Jamais esquecerei também as vinte e cinco mulheres da sala ora fria, ora quente, do Pavilhão dos Primários. Grandes mulheres; boas companheiras”(Aruanda 1957: 112).

11. Na prisão também traduziu Romeu e Julieta, atendendo pedido de Manuel Bandeira e Gustavo Capanema, e recebeu 10 mil cruzeiros por essa tradução.

12. Vale ressaltar que, pós esta data, Eneida foi presa outras tantas vezes em razão de sua escrita política, sobretudo no período de comemorações cívicas para evitar que “panfletasse”.

Lamentos por um fracasso

Lamentos por um fracasso é uma das 29 crônicas que compõem o livro *Cão da madrugada*¹³, gestada durante o segundo governo de Getúlio Vargas¹⁴ e publicada em 1954. O título do livro é uma referência simbólica ao caminhar gradativo dos “oprimidos” em busca da esperança, à medida que a madrugada significa a claridade que precede o nascer do sol; uma “nova era” para aqueles que “não estavam de acordo com certos ruídos nem com o pisar de certos pés”. E por medida de ordem tática, Eneida anuncia, na página de abertura do livro, que não vai citar nominalmente os/as personagens (Santos 2008: 71).

O discurso é marcado por questionamentos sobre as perspectivas salvadoras da realidade histórico-social dos anos 1950, conforme se depreende em *Lamentos por um fracasso*. Valendo-se da simbologia da primavera, a cronista contesta as medidas repressivas da Prefeitura do Rio de Janeiro contra vendedores ambulantes de plantas e flores. Na forma geral da narrativa de *Cão da madrugada*, interpenetram-se o mundo real e o ideal: o primeiro é marcado por uma série ininterrupta de “agonias coletivas” à espera de soluções; o segundo, metaforicamente, gira em torno da luta pela liberdade e igualdade numa dimensão paradisíaca – tese também enfatizada em *Aruanda* e *Banho de cheiro* (Santos 2008: 71).

Eneida de Moraes começa esta crônica descrevendo o cenário primaveril do Rio de Janeiro, cidade que conhecia muito bem, pois ali se estabeleceu em 1930 porque pretendia ser comunista. Alojou-se num pequeno cômodo em Copacabana, sem imaginar que, cinco anos depois, naquele circuito se instalaria a delegação de assessores do *Kominter* sob a liderança de Luis Carlos Prestes. No Rio de Janeiro adentrou nos princípios do materialismo histórico e dialético, da luta de classes, da doutrina da mais-valia e da teoria da evolução socialista (Eunice dos Santos 2009: 30). Em *Lamentos por um fracasso*, Eneida compara a chegada da primavera com mudanças, com uma nova fase/era de vida. A primavera simboliza para a população carioca¹⁵ uma forma de esperança para revigorar os olhos cansados de tanto caos e situações caóticas. Seria a representação de mudar os velhos hábitos, mudar de vida e conseguir uma vida melhor.

Onde anda ela, a prometida, a anunciada primavera que os jornais e as folhinhas asseguraram que ia chegar? Por que fracassou? Por que me iludiu assim? Por que não veio? Como poderia vir, dominar, chegar, se as árvores, homens, mulheres, crianças, assistem nesta pátria cheia de nuvens, ao desenrolar muitos ventos de estações que se assemelham? A chuva para colaborar com o fracasso e reafirmar a negativa, se mantém em constante vai-e-vem, dando à paisagem o tom melancólico do outono (*Cão da Madrugada*, p. 129).

O Governo anunciava através dos jornais a chegada de um tempo melhor, mas para Eneida e para a classe operária este tempo não veio. A cronista também era mais uma proletária, porque

13. Moraes, *Cão da Madrugada*. Os Excertos e títulos citados neste item foram extraídos das páginas: 7, 14, 70, 110, 113, 127, respectivamente.

14. O segundo governo de Getúlio Vargas, chamou-se Governo Constitucional (1934-1937). Nessa época, duas vertentes políticas começaram a influenciar a sociedade brasileira. De um lado, a direita fundava a Ação Integralista Brasileira (AIB), pregando um Estado totalitário. Do outro, crescia a força de esquerda da Aliança Nacional Libertadora (ANL), patrocinada pelo regime comunista da União Soviética.

15. Gentílico das pessoas que nascem no Rio de Janeiro.

apesar de ter vindo de uma família burguesa teve que se desfazer de todos os “requícios burgueses”. Assim, transformou-se em obreira, optando pela causa social do operariado, despojando-se de alguns bens e valores, realizando trabalhos autônomos de tradução e datilografia. E as jóias que herdara de dona Júlia, sua mãe, foram vendidas em casas de penhores e foram literalmente comidas (Eunice dos Santos 2009: 31). Pela luta política, Eneida sacrificou a vida pessoal.

Lamentos por um fracasso é uma crítica social a todas as prefeituras das distintas cidades brasileiras, especialmente a do Rio de Janeiro, nos anos 50. Para isso, Eneida usou sua arma mais poderosa, a palavra, para comparar metaforicamente a primavera com a revolução dos problemas sociais contra o governo da capital carioca. Denuncia o caos, a enorme crise social, a desigualdade, a miséria da classe proletária e a fome que rige a carne dos eleitores. Mostra que nas ruas as pessoas estão cada vez mais pobres. Ela mesma, em 1933, empregou-se como operária em uma fábrica de minério e, para suprir dificuldades financeiras, contou com a colaboração do irmão Guilhito.

Uma companhia foi autorizada a explorar o estacionamento de carros no centro da cidade, jogando na fome e no desemprego milhares de olheiros. Que viria fazer entre nós a primavera, se o céu se enche de nuvens cada vez mais negras e as ruas de gente cada vez mais pobres? (Cão da Madrugada, p. 131).

Entretanto, enquanto o povo passava dificuldade, os banqueiros pediam melhores salários e a burguesia desfilava com suas melhores roupas. A cronista descreve o contraste entre a classe burguesa e a classe operária. Os trabalhadores sobreviviam da caridade e da política do pão e circo proporcionada pelo governo do Rio de Janeiro.

A cidade tomou parte ativíssima nas festas dos gêmeos Cosme e Damião. Assisti a centenas de pessoas comprando-lhes imagens, cartões, estatuetas, coisas dos dois santos do catolicismo e camdomblé. A primavera não veio e procurando-a me deixei contagiar pelo amor do povo aos gêmeos, protetores das criancinhas, fiquei minutos seguidos vendo senhoras, jovens, escolares, gente de tôdas as côres e fetios, comprando e pedindo [...]. Talvez tôda aquela gente estivesse pedindo o que também peço: que a primavera não fracasse dentro de nós, como fracassou na paisagem (Cão da Madrugada, p. 130-131).

Estas festas patronais eram para abafar os crimes da ditadura e a corrupção do governo do Rio de Janeiro e os de todas as cidades brasileiras.

A caridade se faz mais gigante ao som do espalhafatoso das orquestras tulmutuosas: felipetos e felipatos tomam conta da cidade afastando o crime do Sacopã, foi criada a “Sociedade dos Amigos do Monstro” [...]. Surgiram monstros em vários Estados e o título de tarado encheu de anedotas nosso país (Cão da Madrugada, p. 130).

É uma denúncia à permanência do *Status quo* do governo de Getúlio Vargas. No entanto, embora trate a visão do pão e circo também ressalta os intelectuais, as pessoas com visão crítica que como Eneida, confiavam na luta comunista, a pesar de que algumas vezes perdessem a esperança, mas tinham sempre a convicção de que tinham que recuperá-la em outros lugares ou paisagens. Por isso, em 1934, aliou-se às fermentações políticas e operárias e às campanhas contra o fascismo.

Eneida de Moraes termina a crônica descrevendo um sábado, em que os trabalhadores vendiam flores colhidas dos morros para enfeitar a casa dos ricos em Copacabana.

Estava sendo exibida muito verde [...]. Homens trazendo dos morros vizinhos e distantes, para enfeitar as casas e apartamentos em Copacabana, um mundo de folhas e flores que, naquele sábado, parecia um pouquinho de primavera (Cão da Madrugada, p. 132).

Também menciona o Rapa, militares que utilizavam a força para humilhar, torturar e castigar a classe obreira que lutava pela revolução comunista. Naque momento insurreal, qualquer mobilização operária era julgada ação comunista e merecia da polícia constante vigilância. E as práticas de repressão incluíam censura de correspondências e de conversas de rua, prisão suspeitas, proibições de reuniões, detenções em segredo e até exílio. Qualquer manifestação popular era vista como ação provocadora ou tomada do poder pelo operariado marxista (Eunice dos santos 2009: 32).

Mas há uma coisa que se chama rapa e quando êle chega é como quando desabam violentos temporais: bate, rasga, fustiga, esmaga, pisa, arrasa e arrasta tudo. naquele sábado, deixou vazios os braços que acalentam a primavera, vazios os bolsos, camisas rasgadas, corpos doloridos dos que lutaram para defendê-la. Por que existem medidas governamentais que só servem para aumentar o número de mendigos, de desocupados, de criminosos? Que prejuízo sofre a Prefeitura ou o comércio, com a venda, tão bela, das flores e folhas que crescem nos nossos morros? (Cão da Madrugada, p. 131- 132).

Essa crítica ao *Status quo* mostra a luta do governo de Getúlio Vargas contra a revolução e ideais comunistas, metaforicamente representado como a primavera na crônica. Eneida mostra sua profunda decepção por ver que os meses vão e vêm e a tão esperada e prometida primavera não veio, a mudança e a melhora de vida também não chegou, o único que restava para os obreiros era a paisagem do Rio de Janeiro, uma das cidades mais bonitas do mundo, segundo Eneida de Moraes.

Primavera, por que me iludiste assim? Devias vir para todos nós moradores, desta cidade - a mais bela que meus olhos jamais viram - só o que resta é a paisagem. a paisagem é aqui a única propriedade dos que nada possuem e é por isso que nunca perdoarei teu fracasso, ó primavera (Cão da Madrugada, p. 132).

Referencias

- APERJ (1996): *Arquivos das Polícias Políticas: reflexões de nossa história contemporânea*, 2ª. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ.
- Duarte, Constância Lima (1997): "O cânone literário e a autoria feminina". In: Neuma Aguiar (Org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos.
- Moraes, Eneida de (1957): *Aruanda*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio.
- Moraes, Eneida de (1962): *Banho de cheiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Dos Santos, Eunice Ferreira(1994): "O documentário social em cão da madrugada: o caos e o cosmos". Dissertação de Mestrado em Letras apresentado à Universidade Federal do Pará pelo Centro de Letras/UFPA, 147 p.
- Dos Santos, Eunice Ferreira (2004): *Eneida de Moraes: militância e memória*. Tese de Doutorado em Letras apresentado à Faculdade de Letras da UFMG, 300 p.

- Dos Santos, Eunice Ferreira (2008): “Nas tramas de memória: a cronista e militante Eneida de Moraes”. In: *Revista Estudos de Literatura Contemporânea* 32. Brasília: UNB (julho/dezembro de 2008).
- Dos Santos, Eunice Ferreira (2009): *Eneida: memória e militância política*. Belém: GEPEM.
- Ramos, Graciliano (1975): *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record.
- GEPEM (2009), “Livro lançado durante 15º aniversário do Gepem apresenta vida e obra de Eneida de Moraes (27/08/2009)”. In: http://www.ufpa.br/projetogepem/index.php?option=com_content&view=article&id=33:livro-lancado-durante-15o-aniversario-do-gepem-apresenta-vida-e-obra-de-eneida-de-moraes- (Consultado a 02/10/2014).
- Inventário DESPS (2002): *Delegacia Especial de Segurança Política e Social*, 2ª. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ.
- Scott, Joan (1990): “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica”. In: *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre 16 (2 jul/dez, 1990).
- Vianna, Lúcia Helena (2002): “Mulheres revolucionárias de 30”. In: *Gênero*. Niterói/RJ 2, p. 27-34.
- Camargo, Luis Bueno (1997): “Romance proletário em Rachel de Queiroz vendo o lado de fora pelo lado de dentro”. In: *Revista de Letras* 47. Curitiba: UFPR
- Castro, Maria de Moraes Werneck (1988): *A sala 4: a primeira prisão política feminina*. Rio de Janeiro: CESAC.
- Álvares, Maria Luzia/ Dos Santos, Eunice Ferreira (2001): “Violência e política em “companheiras de Aruanda”. In: Ferreira, Maria Mary (org.): *Os poderes e os saberes das mulheres: a construção do gênero*. São Luis/MA: EDUFMA, p. 367-375.
- Soihet, R/ Pedro, J (2007): “A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero”. In: *Revista Brasileira de História* 27(54). São Paulo.